

## **Educação catequética e resistência na colônia portuguesa nas Américas**

Maria Cleidiana Oliveira de Almeida  
Instituto Federal da Bahia, Bahia, Brasil  
Endereço eletrônico: cleidinha.prof@yahoo.com.br

Camila Nunes Duarte Silveira  
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Bahia, Bahia, Brasil  
Endereço eletrônico: mila-ped@hotmail.com

Marcos Messias da Silva  
Instituto Federal da Bahia, Bahia, Brasil  
Endereço eletrônico: markossylva2@hotmail.com

1141

**Palavras-chave:** Catequese jesuítica. Memória. Brasil colonial. Resistência indígena

### **INTRODUÇÃO**

Este resumo situado no campo da História da Educação, mais especificadamente, no contexto da educação colonial brasileira entre os séculos XVI e XVII, busca analisar um recorte da história e da memória do projeto catequético jesuítico desenvolvido na América Portuguesa. Tal análise almeja, por meio da observação dos processos históricos, ancorada em fontes documentais, desvelar algumas peculiaridades da educação jesuítica na colônia Brasil. Ao investigar singularidades do modelo de catequese estabelecido pelos jesuítas no Brasil colonial, buscamos concentrarmo-nos, sobretudo, na memória: como ela foi construída, repassada, preservada, modificada, reestruturada e destruída, durante a missão. Como os ameríndios resistiram à imposição da memória cristã europeia, quais memórias foram preservadas e quais memórias surgiram desse encontro entre civilizações tão díspares. Sobretudo, buscamos mostrar que a tentativa de destruição das memórias ameríndias gerou resistências que persistiram ao longo dos séculos, e que

**Realização:**



**Apoio:**



vestígios dessas resistências podem ser observados em tempos de (des)caminhos da humanidade e diante da ameaça de sua extinção.

## **METODOLOGIA**

Com relação à metodologia fizemos uso da análise qualitativa e utilizamos como principal recurso as fontes documentais escritas. No que tange aos procedimentos, foi necessária uma ampla revisão da literatura, com levantamento e análise de fontes documentais e bibliográficas, sobre os conteúdos em pauta. Após a análise das fontes, fizemos o confronto das teorias com a base empírica e voltamos à análise documental, com foco na catequese jesuítica, transitando, entretanto, entre o objeto, seu entorno, o ambiente colonial e a totalidade do orbe cristão. Nesse momento, buscamos ir além do que foi exposto pelos missionários. Esforçamo-nos para enxergar mais longe, dando voz aos indígenas, na tentativa de rememorar uma história mais ampla e diversa. Procuramos romper com uma historiografia, que primou por esquecer os colonizados, que deu voz e vez apenas aos detentores do poder, no caso, os colonizadores. Para isso, se fez necessário ler nas entrelinhas, perceber a mentalidade da época e os interesses imbricados no projeto catequético, interesses que iam muito além do simples ato de catequizar.

1142

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

No início da Modernidade, o orbe conhecido pelos europeus foi marcado por notáveis transformações, dentre elas, a descoberta da América e logo posteriormente o descobrimento e a colonização do Brasil. Após o descobrimento das Terras Brasilis, os jesuítas receberam autorização da Coroa Portuguesa para atuarem como evangelizadores dos povos indígenas do Brasil. Escolhida pelo monarca D. João III, de Avis, (1502-1557), a Companhia de Jesus foi encarregada oficialmente da missão de transformar os nativos em súditos da Coroa lusa, mediante a conversão (Azzi, 2008).

A catequese jesuítica desenvolvida no Brasil colonial caminhou em duas dimensões simultâneas e intercorrentes: clássica (catequese tradicional, realizada em colégios estabelecidos nos centros urbanos, seguia o modelo europeu e as diretrizes do Concílio de Trento) e missionária (catequese direcionada aos indígenas) (Lustosa, 1992). A catequese missionária, foco de nossos estudos, iniciou-se por missões volantes, em que os padres saíam pelas aldeias pregando a doutrina cristã. Na medida em que as expedições

**Realização:**



**Apoio:**



se voltavam para o interior, os religiosos perceberam que os sertões impunham, gradativamente, novas estratégias de atuação que pudessem facilitar o processo de conversão de indígenas de diversas etnias, crenças e culturas.

Uma das alternativas foi buscar uma catequese que se aproximasse das tradições nativas e que facilitasse a ação doutrinária da Companhia de Jesus, a começar pelo aprendizado das línguas nativas. Com o domínio das línguas nativas, os padres ampliaram as experiências catequéticas com técnicas e métodos diversificados, como peças teatrais, procissões, músicas e danças que passariam a integrar o quadro pedagógico de uma catequese que se tornaria muito mais atraente aos nativos e que não poupava esforços na tentativa de sedução dos indígenas para a vida cristã.

Muitos desses esforços realizados pelos jesuítas ficaram registrados em cartas, relatórios, catecismos, dentre outros. Documentos que primaram por supervalorizar a cultura cristã europeia e desvalorizar a cultura ameríndia. Em muitos trechos os indígenas eram apresentados como "índio" bestial, pouco humano, que precisava primeiramente ser civilizado, para só depois ser conduzido à catequese. Como se esses fossem tábuas rasas onde os preceitos religiosos e civilizatórios precisassem ser inscritos:

Este gentio não tem conhecimento algum de seu creador, nem de cousa do Céu, nem se ha pena nem gloria depois dessa vida, e, portanto, não tem adoração nenhuma nem ceremonias, ou culto divino, mas sabem que têm alma e que esta não morre [...]; e têm grande medo do demônio, ao qual chamam Curupira, Taguaigba, Macachera, Anhangá (Cardim, 1980, p. 87).

Para os missionários era preciso que os indígenas se sujeitassem às normas do cristianismo, contrárias à sua natureza. Na tentativa de destruir e apagar a memória indígena, os missionários não pouparam argumentos depreciativos sobre os costumes e ritos indígenas. A visão sobre o outro era sempre pejorativa, já que o modo de vida do nativo fugia ao usual, que tinha como parâmetro o modelo cristão europeu.

Segundo os jesuítas, somente a cristandade poderia salvar os indígenas. Era uma espécie de passaporte para abandonar a selvageria e adentrar no orbe cristão. É preciso, entretanto, ressaltar que, se, por um lado, havia esse desejo ávido de macular e apagar os costumes indígenas, por outro lado, nas entrelinhas da escrita, alguns hábitos e costumes dos indígenas foram registados, ajudando na desconstrução de uma história do dominante

**Realização:**



**Apoio:**



e contribuindo com a preservação da memória indígena. Os indígenas conseguiram se impor como sujeitos integrantes do processo colonizador/doutrinário, não permitindo que sua voz fosse totalmente apagada pela cristandade europeia.

Uma demonstração da resistência da memória indígena foi a manutenção por parte dos jesuítas, mesmo sem intenção, de elementos familiares aos indígenas para sustentar ensinamentos catequéticos visto que, na tentativa de transmitir ensinamentos cristãos aos nativos encontraram muitas dificuldades, uma vez que os jesuítas operaram com conceitos e categorias que não faziam parte do universo ameríndio. A solução foi buscar uma mediação que não alterasse os significados das verdades da fé. Podemos observar claramente essa adequação quando o jesuíta Mamiani (1942) tenta explicar a trindade aos indígenas Kiriri. Em vez de utilizar teorias teológicas, ele utiliza uma narrativa mais próxima ao imaginário dos nativos, que ele denomina de exemplo do rio:

Nasce a agua da fonte do rio, & corre formando o rio, & dahi sahe formando hũa lagoa. A mesma agua he a que sahe da fonte, corre no rio, & fóрма a lagoa. A fonte, o rio, & a lagoa são tres lugares distintos entre si, & com tudo he hũa só, & a mesma agua que sahe da fonte para o rio, & para a lagoa: Assim o Padre he Deos, o Filho he Deos, o Espirito Santo he Deos, & com tudo he hum só, & o mesmo Deos em tres Pessoas distintas (Mamiani, 1942, p. 43-44).

Ao absorverem os ensinamentos cristãos dentro de uma cosmovisão indígena, os ameríndios não só impediram a aniquilação total de sua religião, como também contribuíram para que desse encontro surgisse uma nova memória religiosa, em que elementos de uma e de outra religião passaram a coabitar. Os religiosos também tiveram que remodelar suas pedagogias para se adequarem ao novo orbe missionário. Remodelações que ficaram amalgamadas de costumes indígenas.

## CONCLUSÕES

Por intermédio dos documentos analisados, ficou desvelado que, ao adentrarem em terras brasileiras, os jesuítas tiveram que adaptar seus métodos catequéticos, valendo-se de alguns elementos da cultura ameríndia para transmitir os preceitos e dogmas cristãos. Na tentativa de penetrar e modificar a memória ameríndia, os jesuítas fizeram uso de estratégias bem elaboradas e ideologicamente pensadas. Ficou manifesto que a

**Realização:**



**Apoio:**



memória cristã europeia, eurocêntrica e humanística, marcada pelo imperativo da continuidade e com ânsia de ser totalizadora, ficou assentada nos métodos e recursos pedagógicos utilizados pelos missionários. Assim como a memória indígena, que, mesmo sob intervenção dos jesuítas foi registrada, de forma consciente ou não, na escrita dos jesuítas, permitindo que traços culturais e crenças religiosas, de um povo de tradição eminentemente oral, fossem registrados e que a memória, até então, étnica adquirisse status de uma memória imobilizada, (exteriorizada em suporte material). Ficou evidenciado que do encontro entre civilizações tão distintas surgiu uma nova memória coletiva, a memória da catequese jesuítica no Brasil, que tinha como sujeitos do novo agrupamento social os indígenas e os missionários jesuítas.

## **REFERÊNCIAS**

AZZI, Riolando. A igreja católica na formação da sociedade brasileira. Aparecida, Santuário, 2008.

CARDIM, Fernão. Tratados da Terra e gente do Brasil. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia; São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 1980.

LUSTOSA, Oscar F. Catequese católica no Brasil: para uma história evangelizadora. São Paulo: Paulinas, 1992.

MAMIANI, Luiz Vincencio. Catecismo da Doutrina Christãa na Lingua Brasilica da Nação Kiriri. Lisboa: 1942 [1698]. (Edição fac-similar, Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional).

**Realização:**



**Apoio:**

